

10 A INTERAÇÃO PROMOVEDO A APRENDIZAGEM

*Anna Costa Fernandes*²²

10.1 A Organização do Grupo de Alfabetizandos

A formação do grupo de alfabetizandos foi uma etapa que vivenciou diferentes episódios. No início, durante a divulgação do programa, vários alunos apareceram, demonstrando muito interesse em participar do grupo. Ao final da inscrição, haviam inscritas quatorze pessoas.

Quando iniciei as aulas, nem todos os alunos que estavam inscritos compareceram. Resolvi, assim, divulgar na Comunidade Jesus e Maria²³ que já tinha iniciado as aulas. Tal procedimento foi bem sucedido, uma vez que apareceram mais alunos, alguns que não sabiam que o curso tinha começado e outros que não tinham nem conhecimento dele.

Com a turma composta por nove alunos, iniciei o trabalho.

No decorrer das aulas, observei que outras dificuldades foram aparecendo. Alguns alunos tiveram que sair do curso para trabalhar, por problemas de saúde, e outros simplesmente desistiram. É importante registrar que estes últimos deixaram claro a falta de esperança e a baixa auto-estima que tinham com relação à aprendizagem da leitura e da escrita.

Cabe destacar que, mesmo não tendo encerrado o curso com o mesmo número de alunos que iniciamos, alguns aspectos considerados importantes, relacionados àqueles que desistiram do programa, serão considerados quando necessário.

Dessa forma, o grupo ficou composto por quatro alunos.

²² Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará e professora de educação infantil.

²³ Grupo de oração situado no bairro de Messejana.

10.2 As Atividades de Sala de Aula

A primeira aula foi surpreendente. Realizamos uma dinâmica de apresentação, na qual cada aluno foi solicitado a fazer um desenho e a partir dele, apresentar-se ao grupo. No início, observei que alguns ficaram um pouco encabulados, visto que nem todos se conheciam. No entanto, no decorrer das dinâmicas desenvolvidas em sala, muitos começaram a se sentir mais à vontade, participando ativamente das propostas.

Durante os relatos de vida, observei uma baixa auto-estima em alguns trechos das falas dos alunos. Acredito que, tais atitudes eram reflexo de algumas frustrações relacionadas à leitura e à escrita em momentos anteriores de suas vidas. A seguir, destaco trechos das falas de alguns dos alunos que exemplificam esse fato:

Eu sou muito burra! Acho que não vou aprender!

Não sei ler muito, me atrapalho com as letras e a minha caligrafia é horrível!

Minha letra é muito feia, eu tenho vergonha de escrever.

No entanto, é importante ressaltar que, na maioria das vezes, essas falas, posteriormente, estavam acompanhadas de motivação, interesse e vontade de aprender a ler e a escrever. Era como se eles precisassem desabafar aquele sentimento de medo, mas ao mesmo tempo de mostrar o quanto estavam contentes com aquela oportunidade. Posso comprovar tal fato, considerando as seguintes falas:

Eu nunca estudei, nunca eu quis. Só sei fazer o meu nome. Eu fico até com vergonha quando não recebo o jornalzinho da missa. É tão ruim não saber ler! Mas, agora eu tô com vontade de aprender!

Eu quero aprender mais. É tão bom escrever uma carta para um amigo! A gente sem saber é igual a um cego.

Nunca eu me interessei pelos estudos. Eu fugia da escola. E quando eu casei e tive os meus filhos tive que parar de estudar. Hoje, não sei nada! Só sei escrever meu nome e olhe lá! Mas nunca é tarde para a gente aprender as coisas quando a gente tem vontade. Só quero aprender cada vez mais!

Eu sou uma pessoa muito simples, gosto de perdoar e conversar. Agora eu me interessei e quero aprender mais a ler e a escrever.

E assim aconteceram as aulas. Todos sempre motivados e interessados em participar das propostas.

Nossas aulas eram organizadas a partir de atividades de oralidade, de leitura e de escrita. A oralidade era trabalhada nos momentos de relatos de vida, durante a interpretação dos textos, bem como nos momentos de discussão de temas (direitos do trabalhador, miséria em Fortaleza, brincadeiras de antigamente, dia da mulher, entre outros assuntos que estavam diretamente relacionados aos interesses dos alunos). Nesses momentos, os alunos estavam sempre participando, relatando o que sabiam sobre o tema discutido ou sobre o texto. O interessante é que procuravam sempre alguma forma de participar.

As atividades de leitura eram, cotidianamente, desenvolvidas a partir de textos significativos e contextualizados com a realidade dos alunos. Trabalhávamos com letras de músicas, orações, poesias, receitas, biografias, jornais e narrativas. O interessante é que muitas vezes os alunos traziam de casa algum texto para ser lido e compartilhado com a turma.

Visto que a escrita assume uma função social, procurei desenvolver atividades que tinham uma finalidade para os alunos, tornando a escrita significativa para eles. Tais atividades consistiram na escrita de bilhetes, cartas, anúncios, textos narrativos, receitas e notícias de jornais.

Uma atividade que envolveu todos esses aspectos (oralidade, leitura e escrita) e que me pareceu ser cheia de

significado para os alunos, foi a comemoração do aniversário de um deles.

Para a realização desse evento, planejamos, com detalhes, as etapas nas quais todos os alunos iriam participar ativamente.

Assim, uma das alunas, que gostava muito de cozinhar e confeitaria, se propôs a fazer o bolo para o aniversário. Naquele momento, pensamos que seria muito importante a exploração de sua receita. Dessa forma, na aula seguinte realizamos o registro escrito de seus ingredientes e modo de preparo, a partir do que aquela aluna pôde socializar oralmente de tal conhecimento. Assim, propus um registro coletivo da receita, no qual a professora escreveria com a ajuda dos alunos. É interessante enfatizar que todos, desde aqueles que se encontravam no nível pré-silábico até os do nível alfabético, participaram da proposta. Cada um com sua hipótese tentava solucionar aquela situação-problema relacionada à escrita.

Naquele dia, o aniversariante não tinha ido para a aula. Tal fato, de certa forma, facilitou o andamento do nosso trabalho "surpresa."

Após o registro de toda a receita na lousa, conversei sobre quais ingredientes cada aluno poderia trazer para entregar à colega que faria o bolo. No entanto, três dos alunos se manifestaram, afirmando que seria mais interessante fazermos o bolo todos juntos. E foi aí que partiu o planejamento da próxima aula: todos se deslocariam para a casa daquela aluna, e lá faríamos o bolo, apoiando-nos na leitura da receita. Assim, cada um, dentro do possível, se propôs a levar um ingrediente. E como forma de lembrete, solicitei que escrevessem em um papel o nome do respectivo ingrediente. Nesse momento, os alunos estavam tão envolvidos, que faziam comentários do tipo:

É bom que a gente não se esquece! Assim que eu olhar para a letra L, vou lembrar que tenho que trazer o leite!

No dia seguinte, todos, exceto o aniversariante, estavam na casa da colega. Antes de iniciar a culinária, solicitei que cada um apresentasse o ingrediente que havia trazido. Depois, propus que lessem, coletivamente, a receita, enquanto a cozinheira ia preparando. A atividade foi muito interessante, uma vez que todos tiveram a oportunidade de participar, lendo e fazendo observações sobre as palavras, para, enfim, conseguirem fazer o bolo. Ao final da culinária, o bolo estava muito cheiroso e bonito, segundo uma das alunas.

Marquei, então, a data da comemoração do aniversário do colega de sala: seria na próxima aula.

No dia marcado, chegamos mais cedo e preparamos a sala para receber o aniversariante. Algumas alunas tinham elaborado cartazes ("Feliz aniversário!") e outras tinham feito cartões, demonstrando, naquele momento, a enorme satisfação de estar utilizando a escrita para expressar o seu sentimento.

Quando o aniversariante chegou na sala de aula, observamos uma imensa emoção estampada no seu rosto. O aluno parecia não estar compreendendo o porquê daquela situação, visto que o dia do seu aniversário já tinha se passado. Mas, segundo ele, "quando eu vi o meu nome na folha ali, eu desconfiei que isso tudo era pra mim!" Assim, todos cantaram os parabéns, e logo em seguida, abriram espaço para o discurso. Duas das alunas se manifestaram e falaram do carinho da turma ao preparar aquela surpresa. Ele, até que quis falar, mas a emoção não o deixou, e só conseguiu dizer: "Estou muito feliz! Muito obrigado!"

Depois de concluído todo o trabalho, a satisfação maior foi perceber que, além de ter proporcionado momentos de aprendizagem da leitura e da escrita, tinha também contribuído para a valorização do eu de cada aluno. Acredito que todos tenham se sentido sujeitos de sua própria aprendizagem, uma vez que foi necessária a participação de cada um para que aquela "idéia" fosse possível de ser concretizada.

Ao longo do programa, muitas outras atividades foram realizadas e observei que houve uma evolução significativa dos alunos em relação ao avanço conceitual da linguagem escrita. Embora alguns ainda não produzissem a escrita alfabética, demonstraram um importante progresso quanto à apropriação de estratégias de escrita.

Acredito que a evolução na apropriação da língua escrita pode estar associada a diversos fatores, tais como a oportunidade de experiências com eventos de escrita, o acompanhamento no ambiente familiar, a própria mobilização do aluno para a leitura e a escrita, dentre outros aspectos.

É interessante ressaltar que a mediação pedagógica foi identificada como um aspecto de extrema relevância para a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem escrita dos alunos. Observei que, com as intervenções, eles se mostravam mais seguros, e conseqüentemente, refletiam sobre a sua produção, conseguindo, inclusive, evoluir para um nível da escrita posterior àquele em que se encontravam ao produzir sem a mediação.

Por fim, não posso deixar de afirmar que, mais do que aprender a ler e a escrever, os alunos aprenderam que são cidadãos capazes de ir muito além do que imaginavam. Segundo um deles, "não podemos ficar pra baixo! Ao concluir o trabalho, a turma fez a seguinte avaliação:

A aula está acabando e eu já estou com saudade. Que pena que o curso foi só 6 meses e não foi o suficiente, mas eu pretendo continuar meus estudos para aprender cada vez mais. Foi muito bom conhecer as pessoas novas e fazer amizades!

Em primeiro lugar quero agradecer à Deus e à Comunidade por ter me dado a oportunidade da gente aprender a ler e a escrever. E agradecer à professora que nos dá a força para nos ajudar a ler e a escrever. Através dela, que é uma professora muito excelente e dedicada para nos ajudar a aprender muita coisa que a gente não sabia fazer. Que Deus proteja a nossa professora em tudo de bom. Que Deus abençoe a Aninha em toda a sua vida. Agradeço.

O projeto Alfabetizar-se está chegando ao fim. Vou guardar no coração as amizades que fiz (...). Da minha parte eu adorei. Aprendi muito. A professora Aninha ensina muito bem. A explicação dela é nota 10. Que pena que foi somente 6 meses, mas com tudo isso ganhei o melhor: a amizade e a sabedoria. Ofereço um beijo e um abraço a todos que fazem o Alfabetizar-se e para a professora dedicada!

Primeiramente, agradeço a Deus todo poderoso que a cada dia nos deu força e sabedoria. Agradeço também à professora Anna, que nos ensinou a ler e a escrever e a trabalharmos em conjunto. E o que mais nos deixou feliz foi a sua força de vontade e sua paciência conosco. Obrigado Anna! Deus nos fortalece!

PERGAMUM
BCCE/UFC